

INSERÇÃO DE NEGROS EM ESPAÇOS DE BRANCOS: O ACESSO DE TRABALHADORES NEGROS AOS ESPAÇOS DE TRABALHO NOS HOTÉIS DE HAVANA (CUBA)¹

Wanderlei de Oliveira Clarindo da Silva²

Historicamente, negros e brancos não ocuparam e não ocupam os mesmos lugares nos diversos espaços da sociedade cubana. No período que antecedeu ao triunfo da Revolução, ocorrido em 1959, esse cenário era evidente. Ao triunfar a Revolução, o discurso imperioso de uma Cuba para todos, no qual, a raça deixou de ser um quesito de diferenciação entre os nascidos na ilha, alicerçado pelo não direito pleno de exposição dos pensamentos, suprimiram as discussões/debates em torno das desigualdades raciais. A partir da década de 1980, estudiosos não residentes no país, e alguns poucos residentes, pertencentes à academia, têm desenvolvido pesquisas que demonstram que a cor da pele ainda é um fator que limita o acesso de negros a determinados nichos sociais. Nesse sentido, o estudo desenvolvido na pesquisa de doutorado realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, buscou investigar como acontecem o acesso e ascensão de trabalhadores negros nos espaços de trabalho existentes nos hotéis de Havana. Nessa investigação, houve a utilização de dados primários e secundários (entrevistas). Os resultados auferidos exibem um cenário que mostra que negros e brancos não possuem as mesmas possibilidades de acesso a um dos setores mais dinâmicos da economia. Limitando, portanto, os negros de terem uma melhor renda e, conseqüentemente, maior bem-estar social.

Palavras-chave: trabalho; negros e brancos; desigualdades raciais.

INTRODUÇÃO

¹ Texto extraído da tese intitulada “Trabalho e Discriminação: inserção e ascensão de trabalhadores negros em hotéis de Havana (Cuba) no período 1990-2008”, defendida em 2009. Orientador: Prof. Dr. Luis Fernando Ayerbe.

² Doutor em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP (Araraquara). Núcleo de Apoio à Pesquisa em Estudos Interdisciplinares sobre o Negro Brasileiro da Universidade de São Paulo (NEINB/USP). E-mail: clarindo.silva@yahoo.com.br

Cuba possui um contingente populacional de aproximadamente 12 milhões de habitantes. Ao longo de sua história, o país experimentou várias situações de enfrentamento, que tinham como objetivo a não submissão política, econômica e social. Nesse sentido, podemos assinalar como marco, o triunfo revolucionário ocorrido em 1959. A história dessa nação nos exhibe as lutas travadas em prol de sua independência da Espanha, assim como, a não aceitação do domínio hegemônico dos Estados Unidos. Passadas cinco décadas de efetivação do processo revolucionário, que promoveu transformações extremamente importantes nos vários setores da sociedade cubana, a ideia de uma Cuba para todos os cubanos, apesar de não ser plenamente praticada, ainda faz parte do cotidiano de uma grande parcela da população. Fato, que faz dela uma realidade incontestável. O que, segundo Fuente (1995), é reforçado pelos membros do governo e do Partido Comunista.

As desigualdades de oportunidades entre os segmentos negro e branco da população, nos governos que antecederam à administração de Fidel Castro, eram sem sombra de dúvida, irrefutáveis. A tomada do poder por Castro, e a implementação de políticas que visavam a melhoria das condições para a população como um todo, trouxeram para o segmento populacional negro resultados indiscutivelmente positivos. Nesse sentido, ao longo dessas décadas, os benefícios auferidos pela população no que tange o acesso à educação e à saúde, por exemplo, têm sido mantidos mesmo nos momentos de acirramento das crises econômicas.

As restrições vivenciadas pelos cubanos, resultantes das políticas criadas e o bloqueio econômico instaurado no início dos anos de 1960, levam a população a conviver, ainda nos dias atuais, com a impossibilidade de acessar determinados bens de consumo.

O peso das ações realizadas pelos Estados Unidos tornou-se mais perverso, após o desmantelamento dos países que compunham o bloco socialista, os quais foram, durante anos, os principais parceiros econômicos da ilha. Diante dessa mudança radical, ocorrida no cenário externo, o governo cubano se viu obrigado a rever as políticas praticadas até então. Entretanto, é importante ressaltar que os investimentos direcionados aos bens de cidadania³, mesmo que em menor grau, foram mantidos.

Diante das limitações impostas pelas políticas norte-americanas e as mudanças ocorridas no cenário internacional, a permissão ao ingresso de investimentos externos no país foi concedida a partir do ano de 1982, sendo ampliada após 1991. Vale assinalar que, até esse momento, a medida restringia-se ao setor de turismo, mas posteriormente, abarcou outros

³ São considerados “bens de cidadania”, educação, saúde, habitação.

setores de extrema relevância, como da biotecnologia e dos fármacos, como aponta (Cano, 2000).

Como apontam os dados disponibilizados pela Cepal (1997), o setor de turismo assumiu durante os anos de 1990 um papel de suma importância na economia cubana, convertendo-se, assim, em seu carro chefe. Nesse sentido, os postos de trabalho nele existentes, passaram a ser desejados por todos, já que, ocupar um cargo em um deles, significava ter acesso à divisas⁴. O acesso a divisas permite que o cubano, adquira, por exemplo, bens de consumo que dificilmente seriam adquiridos através da posse da moeda nacional. Vale ressaltar que a economia cubana possui dois mercados distintos: um em moeda conversível (CUC) e outro em moeda nacional (peso cubano). Este fato cria uma nítida separação entre os membros da sociedade. Isto é, há aqueles com acesso a divisas, o que consequentemente lhes proporciona melhor nível de bem-estar, e os demais.

O discurso de que o país possui uma igualdade racial, torna-se enfraquecido, quando observamos, por exemplo, a diferença existente em relação às possibilidades de ingressos de negros e brancos aos postos de trabalho disponíveis no setor turístico. Se fizéssemos um paralelo com o que ocorre no Brasil, poderíamos pensar que o nível de instrução poderia ser um diferencial. Entretanto, essa justificativa não seria suficiente para explicar o caso cubano, já que não há nenhuma diferença quanto ao nível de formação educacional dos segmentos negro e branco da população.

Nesse sentido, a pesquisa se detém em investigar como e por que isso ocorre na contratação de trabalhadores para o mercado turístico, nomeadamente para os hotéis de Havana. O período que compreende este estudo recobre a faixa de 1990 a 2008. Sobre isso, é importante esclarecer que, diante da importância dos acontecimentos ocorridos em épocas anteriores aos anos delimitados, o trabalho se apóia em referências históricas consideradas relevantes. A opção em colocar como marco os anos de 1990 decorre do fato de ter sido esse período, principalmente os anos iniciais da década, marcado por uma forte crise econômica provocada pela extinção da parceria entre Cuba e os países do bloco socialista, o que, entre outras coisas, provocou o surgimento e posterior acirramento da concorrência pelos postos de trabalho existentes no setor do turismo.

A ideia de realizar essa pesquisa surgiu quando de minha defesa de mestrado, oportunidade em que os membros da banca sugeriram o aprofundamento do trabalho

⁴ Pagamentos em moeda conversível ou a possibilidades de se receber gorjetas em dólares.

apresentado. Diante disso, após a conclusão do mestrado, realizado no Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, da Universidade de São Paulo, sob a orientação da professora doutora Dilma de Melo Silva, o desejo de investigar mais profundamente a questão racial em Cuba, já suscitado quando de minha passagem pela ilha, foi gradativamente me encorajando para cursar o doutorado.

Digo, dessa forma, que a pesquisa de mestrado foi um processo iniciático que nos possibilitou conhecer, ainda que superficialmente, alguns traços da sociedade cubana. O trabalho de campo nos descortinou um mundo com múltiplos cenários, entre eles, o universo das relações entre negros e brancos.

Ao mesmo tempo em que vivenciei o dia a dia de um sistema socialista, onde predominam ideias e práticas alicerçadas no bem comum, pude observar também a coexistência de políticas, marcadamente, capitalistas. Há a constatação que são nas relações de trabalho que essas ações afloram, especialmente, no que se refere à disputa pelos postos de trabalho nos setores onde há a possibilidade de se obter divisas. O resultado mais imediato dessa contradição, embora camuflado, é a discriminação, sublimada por um regime que apregoa a igualdade de condições.

Nesse contexto, a hipótese suscitada nesse trabalho é a de que o preconceito racial sempre esteve presente no imaginário cubano, levando-se em conta, as evidentes diferenças existentes entre os dois segmentos populacionais nos anos anteriores a 1959. Essas diferenças (desigualdades) foram supostamente suplantadas pelas políticas públicas adotadas após a Revolução, as quais buscaram proporcionar a igualdade de condições para todos. Não obstante, elas não foram suficientes para eliminar, o preconceito, a discriminação e o racismo da sociedade, como pretenderam os líderes revolucionários.

OBJETIVOS

Como objetivo geral, há a busca por realizar uma pesquisa com a finalidade de compreender quais os critérios e exigências adotados na seleção dos trabalhadores para exercerem as funções disponíveis no setor turístico cubano. A partir daí houve a procura de verificar o nível de inserção do trabalhador negro e o grau de discriminação racial existente nas relações sociais de trabalho. Diante disso, os objetivos específicos se concentraram em: verificar a legislação que rege o mundo do trabalho cubano; identificar como se dá o processo de contratação dos trabalhadores; verificar o nível de escolaridade exigido para cada vaga existente nos hotéis; observar os números de trabalhadores negros e brancos pertencentes ao

quadro de funcionários dos hotéis; verificar a existência de desigualdade nos ganhos auferidos pelos dois grupos.

METODOLOGIA

O processo metodológico alicerçou-se em duas etapas. Realização de pesquisa bibliográfica com foco nos estudos sobre a trajetória do negro na sociedade cubana desde o período colonial e, também, sobre as questões econômicas e políticas do país nos âmbitos doméstico e internacional. Foi desenvolvida, ainda, pesquisa de campo na cidade de Havana, no período de setembro a outubro de 2008, com o objetivo de observar de que forma se dão as relações de trabalho e as formas pelas quais o preconceito se apresenta. Para a realização da pesquisa bibliográfica e do trabalho de campo, houve as valiosas colaborações de pesquisadores do Instituto Cubano de Investigação Cultural Juan Marinello, sediado em Havana, instituição com a qual foi estabelecido contato em 2003, quando estive em Cuba realizando a coleta de dados para a nossa dissertação (Silva, 2004)⁵ e do doutor Esteban Morales Domínguez, professor de economia da Universidade de Havana, destacado pesquisador da inserção do negro na sociedade cubana após a Revolução e, no geral, da economia cubana. O método empregado é a observação participante e a aplicação de entrevistas semiestruturadas que permitiram verificar a dinâmica desse processo.

Há algumas questões acerca da pesquisa de campo considerada importante a destacar. Em Cuba, fui apresentado, por intermédio de amigos, a algumas das pessoas que trabalham em hotéis. Após esse primeiro contato, os próprios trabalhadores me apresentaram a outros⁶, aumentando, assim, o escopo dos pesquisados. As entrevistas seriam realizadas com 16 pessoas, mas dessas, quatro desistiram, visto que não queriam fazer qualquer comentário acerca da questão racial no país. A negativa não me surpreendeu, porque já havia sido alertado e tinha conhecimento, pela experiência da primeira visita, de que esse não é um tema que os cubanos se sentem à vontade para tratar. Para além disso, as pessoas têm receio de sofrerem retaliações por falarem abertamente sobre determinados assuntos tabus. A prova disso é o documentário “Raza”, produzido em 2007 e dirigido por Eric Corvalán Pelle, onde as pessoas são chamadas a expor suas opiniões acerca do tema. Quem consegue um trabalho nesse setor é tido como pessoa de sorte e ninguém quer perder o lugar conquistado, muitas

⁵ SILVA, W.C. **Oportunidades e barreiras**: o negro no contexto social brasileiro e cubano. 2004. Dissertação (mestrado em Integração da América Latina) – Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina (PROLAM), Universidade de São Paulo, São Paulo.

⁶ Se o primeiro contato não tivesse sido intermediado por amigos cubanos, considero que seria quase impossível realizar as entrevistas.

vezes, à duras penas. Acrescente-se a essas dificuldades, a inexistência de vasta bibliografia sobre a situação do negro na atualidade, o que nos levou a cotejar pesquisas recentes dos interlocutores do trabalho. Vale ressaltar, também, que a maior parte dos teóricos contemporâneos que estuda as relações raciais em Cuba é não residente na ilha. Em face disso, é mais fácil o acesso a estudos e pesquisas concernentes aos períodos colonial e republicano. É importante destacar que não há em Cuba nenhum órgão oficial que possa ser procurado no caso de algum cidadão se sentir discriminado por fatores de cunho racial. Como também, não há nenhuma comprovação documental de que a seleção de trabalhadores no setor de turismo seja permeada por critérios baseados na cor da pele dos postulantes às vagas disponíveis. Neste sentido, os depoimentos dos entrevistados e as análises de pesquisadores que atuam em centros de pesquisas cubanos que afirmam a existência de oportunidades desiguais para negros e brancos são de suma importância e respaldam nossa pesquisa.

As entrevistas foram todas realizadas nas casas das pessoas. A abordagem do tema, mesmo sendo de conhecimento dos entrevistados, aconteceu de maneira desigual: uns foram mais resistentes em aceitar falar sobre o assunto do que outros. Sobre os entrevistados, delineamos, sinteticamente, o perfil de cada um: Entrevistado 1: negro, 25 anos; Entrevistada 2: branca, 31 anos; Entrevistada 3: negra, 43 anos; Entrevistado 4: negro, 27 anos; Entrevistado 5: negro, 49 anos; Entrevistada 8: negra, 41 anos; Entrevistada 9: negra, 32 anos; Entrevistado 10: branco, 25 anos; Entrevistada 11: branca, 30 anos; Entrevistado 12: branco, 26 anos. Para realizar o trabalho de campo, permanecemos em Cuba por 40 dias.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

Em relação às questões que envolvem “o mundo do trabalho” cubano, assinalamos que, os postos de trabalho que oferecem maiores possibilidades são, em sua maioria, ocupados por brancos. Possibilidades aqui significam, acesso a dólares. Em Cuba, as diferenças salariais existentes entre as várias categorias profissionais são muito pequenas. Por isso, há uma predileção pelas vagas disponibilizadas pelas empresas do setor de turismo e pelas corporações.⁷ O acesso a dólares por um cubano representa, sem exageros, sua ascensão social. Fuente *apud* Zarur (2012) considera que existem duas formas de complementação da renda, responsáveis, para ele, por afetar intensamente as relações raciais: atividades relacionadas ao turismo e às remessas de dólares do exterior. De acordo com o autor, as atividades exercidas no setor de turismo oferecem facilidade para ganhos significativos. Esses

⁷ São empresas estrangeiras de capital misto, instaladas em Cuba.

ganhos são provenientes, principalmente, das gorjetas. Estima-se que elas representam uma renda mensal que varia de cinquenta a mil dólares. Com relação às remessas do exterior, calcula-se que entrem anualmente no país algo em torno de novecentos milhões de dólares. A cifra individual oscila entre cem e duzentos dólares. Conforme apontado por Domínguez (2002) e por Zarur (2012), mais de 80% das remessas são efetuadas pelos brancos.

Domínguez (2002) comenta que existe uma alta competitividade pelos postos de trabalho de melhor remuneração; competitividade essa inexistente até a primeira metade da década de 1980. Tal mudança tem gerado a exclusão de negros e mulatos⁸ e que pode ser explicada pela manutenção de conceitos classistas ainda não superados na sociedade cubana. Nesse sentido, a cor da pele tem sido utilizada como um fator histórico herdado das sociedades precedentes para relacionar as pessoas com a pobreza ou a riqueza. Conforme explicita o autor, um fator que contribui para o exercício do racismo, da discriminação e do preconceito, é o acesso que cada indivíduo tem ao poder⁹. Ele considera que o fato de não existir racismo institucionalizado em Cuba, não isenta a sociedade de praticá-lo, já que cada cidadão possui uma cota de poder; por mais ínfima que seja essa cota lhe capacitará a exercer formas de dominação. A esse modo, o exercício da discriminação não está relacionado com o poder formal, mas sim, com as redes informais. E é dessa maneira que ocorrem o “sociolismo”, o “amiguismo” e o “clientismo”.

Em pesquisa realizada por Malachias (1996) sobre a juventude negra brasileira e cubana, o problema da discriminação sofrida pelos negros cubanos na busca por trabalho teve especial abordagem. A autora comenta que ouviu várias reclamações a respeito. Na mesma direção, as entrevistas realizadas por nós em 2004 são esclarecedoras. A entrevistada relata que:

(...) geralmente quem irá selecionar não é um negro. Por séculos e séculos quem está na cúpula é o branco. Isso acontecia antes do triunfo da Revolução e agora ainda é assim. Quando selecionam, selecionam a pessoa afim. Aí não há socialismo e sim sociolismo. Se os sócios de quem irão selecionar é branco, então irão selecionar outro branco. E aí os cargos que não possuem divisas serão ocupados pelos negros (Silva, 2004:26).

No que tange ao setor educacional, as políticas implementadas atingiram, efetivamente, toda a população. O governo cubano considera a educação um fator

⁸ Para Zarur (2012), “a raça poderá voltar a ser um ‘não problema’, em função das novas oportunidades abertas a todos com a recuperação da economia cubana”.

⁹ Na definição de Zarur, poder é: “a capacidade de um indivíduo, grupo ou classe para fazer valer seus interesses. Não é necessário que a pessoa, grupo ou classe se encontre em uma posição institucional de poder para estar com capacidade de exercer a discriminação” (2012: 8).

extremamente importante para o desenvolvimento da nação. Por isso, sua linha de conduta leva em consideração que não podem existir, concomitantemente, ignorância e desenvolvimento.

É inegável o acesso da população cubana a todos os níveis educacionais. Esse é um setor extremamente priorizado e respeitado em Cuba. Conforme informações obtidas¹⁰, até o 9º ano¹¹ a presença de crianças e adolescentes nas escolas é obrigatória. As ausências dos alunos em horário e período escolar têm de ser justificadas pelos pais ou responsáveis. A exigência da frequência e a obrigatoriedade de justificativa, caso o aluno falte às aulas, certamente contribuem para o alto índice de alfabetização da população. O controle dessas questões é feito pelos órgãos do governo denominados CDRs (Comitês de Defesa da Revolução)¹², que são, conforme menciona Bassi “estruturas mantenedoras da ordem pública” (2001:09).

Ao longo da pesquisa que subsidiou esta tese, os autores referenciados expuseram as condições a que negros e brancos estão submetidos em relação a vários aspectos da vida social cubana. No momento das entrevistas, as questões vieram à baila à medida que os entrevistados manifestaram suas opiniões. Por isso, a seguir algumas falas dos entrevistados são apresentadas. Com relação aos motivos que os levaram a ingressar como trabalhadores no setor de turismo, as respostas dadas foram:

Sou formado em turismo pela Universidade de Havana. Agora, trabalho nesse hotel como gerente. Chegar até aqui não foi muito fácil. Conseguir um trabalho aqui, depende de quem você é e quem você conhece. Quando eu estava na Faculdade, comecei a conversar com as pessoas. Meu pai tem um amigo que trabalha num hotel que pertence à outra empresa. Esse amigo do meu pai me conhece desde quando eu era criança. É como um segundo pai para mim. Quando eu terminei a Faculdade ele me apresentou para um amigo dele que trabalhava nesse hotel que trabalho agora. Ele me ajudou muito, porque como sou capacitado, ele conseguiu um trabalho de assistente. Ele me disse que não poderia trabalhar em outro setor, porque tinha feito a Faculdade. Com a Faculdade você não irá fazer um serviço menos qualificado. Se eu quisesse trabalhar como garçom ou recepcionista, teria feito um curso para isso. Estou feliz fazendo o meu trabalho. Poderia ter feito a Faculdade de Medicina ou de Engenharia, mas em nenhuma delas teria as possibilidades que tenho aqui. Muitas pessoas pensam da mesma maneira que eu. Todos os meus amigos da Faculdade querem a mesma coisa que eu. Querem ter uma vida melhor. Aqui em Cuba, se você não trabalha no setor de turismo tem que trabalhar em outro setor que lhe dê condições de ganhar em divisa. Um médico, por exemplo, faz a Faculdade e depois tem que trabalhar alguns anos para o país. Por isso, muita gente não quer ser médico. Eu sei onde vivo. Amo meu país, mas não quero ter a mesma vida

¹⁰ Informações obtidas por mim em 2004, quando realizei pesquisa de campo para a dissertação.

¹¹ No Brasil, esse equivale a 8ª. série do ensino fundamental.

¹² Eles funcionam como instrumentos de controle do governo e de proteção dos preceitos revolucionários. Estão em todos os bairros e são responsáveis, entre outras atividades, pela manutenção da ordem social.

de restrições que os meus pais tiveram. Quero ter uma vida melhor e poder dar uma vida melhor para eles. Quero poder viver sem restrições... **(Entrevistado 10).**

Sou arrumadeira. Trabalho aqui há alguns anos. Tive sorte de arranjar trabalho aqui. Comecei a trabalhar aqui antes da proibição dos trabalhadores de outros setores deixarem suas atividades em seus centros de trabalho. Não quis fazer uma Faculdade. Eu sou contadora. Trabalhei muito tempo numa empresa estatal, mas quando surgiu a oportunidade aqui, eu vim. Não podia deixar de vir, porque a oportunidade que eu tive não apareceria de novo. Na vida, a gente não pode perder oportunidade. Se eu estivesse trabalhando na empresa estatal, não teria o mesmo nível de vida que eu tenho. Não estou dizendo que sou rica, porque aqui em Cuba é muito difícil ser rico. Você está vendo onde eu vivo. As pessoas procuram sempre uma maneira para sobreviver. O cubano não pode viver só com o salário. O salário aqui não dá para a pessoa fazer o que precisar. O cubano tem sempre que dar um jeito para complementar o que ganha. Ele tem que ter uma segunda alternativa. Eu, como trabalho aqui, consigo ter uma vida melhor, mas tenho amigos e parentes que sofrem muito. Cuba é um país lindo, mas as dificuldades são muito grandes. Eu gostaria muito que isso mudasse, para que todos os cubanos tivessem uma vida melhor. Eu tenho um filho que vive nos Estados Unidos. Ele foi para lá viver com o pai. Conseguiu ir por causa da reunificação familiar. Ele quer muito me levar para lá, mas agora ainda não pode, porque isso só pode ser feito depois de cinco anos. Eu também não tenho vontade de deixar o meu país. Além de ter meu trabalho aqui, meu filho me manda dinheiro de lá. Não posso reclamar, porque quando vejo as outras pessoas passando o que passam, eu vejo que tenho sorte... **(Entrevistada 3).**

As propinas (gorjetas) são um adicional importante na renda dos trabalhadores do setor turístico. Independente de como é paga, é sempre bem vinda para as pessoas que desempenham suas atividades nos hotéis, como podemos perceber por meio dos relatos a seguir:

...como eu disse a você a propina é uma grande ajuda. Algumas vezes, quando sobra um pedaço de carne de porco ou de outro tipo o chefe permite que alguém fique com ela, porque não será aproveitada em outro dia. Cada vez que isso acontece, um companheiro fica com um pedaço, porque assim ninguém deixará de ser beneficiado. Quando chega a minha vez fico muito contente, porque eu levo ela para casa e junto com a minha família a gente aproveita tudo. Eu tenho companheiros que dividem o que ganham e vendem pedaços para os vizinhos. Isso é uma maneira de conseguir um dinheiro a mais. Essa, como eu falei para você, é a propina indireta. As outras, para quem trabalha onde eu trabalho, é mais difícil de acontecer... **(Entrevistado 1).**

...eu sou arrumadeira e sempre consigo alguma coisa. Os turistas sempre deixam um vidro de perfume ou xampu com alguma coisa dentro e na hora que a gente vai limpar o apartamento, a gente fica com as coisas. Isso não é roubar, porque se as pessoas deixam é porque não querem mais. Mas, para mim o que é deixado tem muito valor. Eu nunca peguei nada de um turista, porque eu não sou de roubar. O que eles deixam para trás, para a gente que trabalha ali é um presente. Aqui em Cuba essas coisas são caras e a gente não pode desperdiçar, entendi. Além disso, têm muitos turistas bons que dão

propina. Se nenhum companheiro vir você ganhando, você pode até ficar com ela para você, mas o certo é colocar na caixinha para dividir depois. Se alguém vir você ganhando propina e guardando para você, você é tratado como traidor. Todo mundo que trabalha ali é companheiro de trabalho e fazer uma coisa dessas não é bom. Se estamos todos na mesma situação, então, todos têm que ajudar a todos. É assim que eu penso, mas eu sei que muita gente não pensa assim. Muita gente quer só para ela. Uma companheira quase foi dispensada pelo nosso chefe, porque alguém a viu recebendo propina e guardando para ela. Ela só não foi dispensada porque o nosso chefe é uma pessoa consciente e deu mais uma chance para ela. Como eu falei para você, a pessoa pode fazer isso, só não pode deixar alguém ver, porque senão vai ser delatada. Sempre tem alguém que delata você... **(Entrevistada 9).**

Para o cubano conseguir um trabalho no setor de turismo ele tem três opções a escolher: 1) a *faculdade* (o curso de Turismo na Universidade de Havana é recente, foi criado em 2003). As pessoas que concluem o curso irão, normalmente, trabalhar na área administrativa; 2) a *Escola de Altos Estudos do Turismo*, instituição de nível médio, é muito procurada por aqueles que querem uma formação profissional. Dentre os cursos oferecidos, estão os de gastronomia, recepcionista, garçons etc.; e 3) a *bolsa de turismo*, excessivamente dependente das relações interpessoais. Nesse caso, ter um amigo ou parente que possa facilitar a sua trajetória em busca de trabalho nesse setor é um diferencial importante. O procedimento oficial para se conseguir trabalho na área de turismo consiste na procura da Formatur - responsável por encaminhar as pessoas que fizeram curso universitário ou profissional - e a Tur Empleo, uma gerência de recursos humanos. Para exercer alguma função nesse setor, é necessário possuir alguns requisitos. Ter conhecimento de outro idioma, a idade e as qualificações do candidato são, também, fatores importantes. Além disso, o grau de envolvimento do candidato ou candidata com as questões nacionais também é considerada. Esse envolvimento ou integração revolucionária é expresso na participação em pelo menos uma organização do país, a União da Juventude Comunista (UJC), Comitês de Defesa da Revolução (CDRs), Federação das Mulheres Cubanas (FMC), Milícias de Tropas Territoriais (MTT), Central de Trabalhadores de Cuba (CTC) etc.

Sobre os modos pelos quais os trabalhadores conseguem emprego no setor de turismo, Dominguez (2007) afirma que as informações fornecidas por Ruiz (2003) apontam que os brancos, mais que os negros, conseguem trabalho por intermédio de amigos ou familiares. O autor acrescenta que na pesquisa realizada por Ruiz é demonstrado que os negros comumente se valem dos meios formais para pleitearem uma vaga. Como se sabe, o mercado turístico cada vez mais se sofisticava e isso resvala nos quadros profissionais que estão a seu serviço. As exigências postas para se ocupar os postos de trabalho disponíveis no setor impelem os

profissionais à procura de qualificação e atualização constantes. Os trabalhadores dos hotéis interessados em melhorar sua posição na hierarquia, aproveitam, principalmente, os períodos de baixa temporada, para realizarem cursos de qualificação, os quais, não garantem que o objetivo será alcançado, já que a exemplo do que ocorre para ingressar, a ascensão também dependerá, além da competência, de uma rede de contatos que possibilite que o postulante a cargos de maior prestígio seja contemplado em suas aspirações. A esse respeito, os entrevistados disseram:

Consegui trabalhar aqui, porque deixei uma ficha na agência empregadora. Todo mundo disse para mim que eu não ia conseguir nada, porque para conseguir uma vaga para trabalhar num hotel é muito difícil e você tem que ter uma pessoa conhecida que apresente você. Eu não tinha nada a perder e deixei a ficha lá. Alguns meses depois me chamaram para fazer uma entrevista. Eu fui fazer a entrevista e depois me chamaram. Tem muita gente que consegue trabalho assim, preenchendo uma ficha na agência empregadora, mas todo mundo sabe que é mais fácil se você entra pelo amiguismo. Se você tem um amigo ou parente, as coisas ficam mais fáceis. Sou formado em química, mas não estava trabalhando. O cubano sempre tem que dar um jeito para conseguir as coisas. Minha mãe trabalha num fábrica de tabaco e trabalha em nossa casa. Então, eu ajudava a minha mãe fazer e vender uns tabacos. Todo cubano tem que ter uma segunda alternativa para poder sobreviver. Agora, trabalhando no hotel a nossa vida é melhor. Não posso reclamar muito, mas também não posso falar que tudo está bom. Vivo em Centro Havana e aqui tem muita pobreza. Então você não pode ficar feliz vendo todo mundo passar por dificuldades. As dificuldades são muito grandes e todo mundo vê isso. Eu quero que as coisas melhorem, mas isso não depende de mim. Nós cubanos fazemos o que podemos fazer. O cubano é solidário. Todo mundo ajuda todo mundo... **(Entrevistado 4)**.

Trabalho no hotel faz um ano. Antes eu trabalhava como secretária no hospital. Lá a gente trabalha e ganha uma estimulação coletiva. Antes tinha uns que trabalhavam pelos outros. Uns companheiros faziam o serviço, enquanto outros não faziam o que tinham de fazer. Então foi criada essa estimulação coletiva. Todo mundo que trabalha em um setor tem que se empenhar igualmente para terminar as suas atividades. No final do ano, a gente recebe uma bonificação como prêmio por ter se empenhado para que as atividades fossem completadas. Aqui no hotel a gente tem mais estímulo. As pessoas que trabalham numa empresa estatal não fazem as coisas com vontade. Todo mundo sabe que não vai ser beneficiado em nada. Por isso, as pessoas que trabalham numa empresa estatal fazem as suas atividades do jeito que querem. Você já foi ao correio aqui? Você já foi em um restaurante que vende em moeda nacional? Se você for em um restaurante que vende em CUC ou em uma tenda, você vai entender o que eu estou falando para você. No hotel todo mundo sabe que não pode fazer nada de errado, porque se fizer pode ser mandado embora. Ninguém quer perder seu posto no hotel ou em outro setor que tem possibilidade de receber divisa. Eu consegui trabalho no hotel e não quero sair de lá. Eu fico feliz de ter conseguido esse trabalho. Tenho muitos amigos que querem trabalhar lá também, mas nem todo mundo consegue. Tem muita exigência, porque você tem que ter postura para conversar com as pessoas. Você tem que saber se comportar, você tem

que ter compostura. O cubano é muito extrovertido, mas muitos turistas não gostam disso. No trabalho você tem de fazer as coisas do jeito que está determinado e muita gente se esquece disso. Antes tinha muita crítica sobre o comportamento das pessoas que trabalhavam nos hotéis. As pessoas não tinham qualificação e não tinham compostura. Agora é diferente. Quando eu vim trabalhar aqui eu sabia como tinha que me comportar, porque meu marido trabalha num outro hotel... Ele me ajudou a conseguir esse trabalho, porque ele conhece um dirigente do setor de turismo... **(Entrevistada 6)**.

No que se refere à omissão da questão racial em círculos oficiais mais abrangentes, assunto aqui já explorado, os entrevistados assim se posicionaram:

Antes da Revolução os negros sofriam muito. Os negros não tinham direito a nada. Minha avó contava que se um branco entrava na guagua (ônibus) e não tinha um lugar para ele sentar, um negro tinha que levantar e ir para trás. Hoje, isso não acontece mais. Se eu estiver sentada e entrar um branco, ele que vá para trás. Aqui, ninguém fala sobre negros e brancos. Depois da Revolução isso deixou de ser importante. O importante é que todos somos cubanos. Você me perguntou se tem muitos negros trabalhando no hotel e eu falo que não. Essas coisas a gente sempre vê. Os negros não conseguem as mesmas coisas que os brancos. Todo mundo está vivendo a mesma dificuldade, mas se você é branco as coisas são melhores. Eu tenho uma amiga que foi procurar trabalho no hotel e ela é muito capacitada. Até agora ela não conseguiu nada. Antes, você via poucos negros trabalhando nos hotéis e isso chamava a atenção dos turistas. Eles perguntavam porque em Cuba, um país de tanta mescla, não tem negros trabalhando nos hotéis? Isso fez aparecer uma crítica internacional muito grande e alarmou o governo. Não me recordo muito bem, mas eu penso que no V Congresso do Partido foram tomadas algumas decisões para tentar melhorar isso. Melhorou um pouco, mas os negros continuam não conseguindo trabalho no turismo na mesma proporção alcançada pelos brancos. Uma vez, uma amiga me disse que ouviu um dirigente falar que os negros não servem para trabalhar no turismo. Então, eu pergunto para você porque acontece isso? Os negros tem estudo igual o do branco e temos capacidade para trabalhar em qualquer lugar. Olha onde eu vivo. Aqui é um bairro marginal e se você andar pelas ruas vai ver que tem mais negro do que branco. Aqui em Cuba a gente não fala de muita coisa, mas a gente está vendo como é. O cubano tem muita preocupação e não pode pensar em outras coisas. Isso é o que acontece... **(Entrevistada 8)**.

Aqui em Cuba as pessoas não falam sobre isso. Todo mundo fala que todo mundo é igual, que todos somos cubanos... Eu tenho uma amiga que é branca e ela namorou com um negro. A família dela não gostava dele. Ela me falou que os pais dela falavam que ela estava destruindo a vida dela namorando com ele. Muitas famílias não querem se misturar. Tem negros que não querem se casar com brancos e tem brancos que não querem se casar com negros. Essa minha amiga me falou que a irmã dela falava que ela ia se sujar namorando com um negro e que depois ninguém iria querer namorar com ela. Ninguém gosta de falar sobre isso. Aqui em Cuba tem muita coisa que a gente não fala, mas sabe que está acontecendo. Eu tenho um amigo que tentou durante muito tempo conseguir trabalho no hotel. Ele é muito inteligente. Sabe falar inglês e francês, mas isso não ajudou em nada. Nos hotéis eles não querem muitos negros trabalhando lá. Os chefes estão sempre prestando atenção no trabalho dos negros, parece que eles sempre

querem achar algum problema para mandar a pessoa embora. Se você procura fazer as coisas direito e sempre conversa com o seu chefe, você é chamado de guataca¹³ (adulador, puxa-saco) pelos seus companheiros. No meu trabalho ninguém fala nada, mas eu vejo que muitos companheiros não gostam de trabalhar com um negro e prefere trabalhar com um branco. Muitos falam que o negro não sabe trabalhar. Aqui você escuta muita coisa e não pode falar nada... **(Entrevistado 5)**.

CONCLUSÕES

O desenvolvimento das atividades turísticas acarretou para o país um dinamismo na economia, uma vez que os investimentos ocorridos no setor provocaram o incremento de outras áreas importantes da economia. No período de maior dificuldade enfrentado pela sociedade cubana, o chamado “período especial”¹⁴, a busca por melhores condições de vida foi, destacadamente, o objetivo da maioria da população. Daí porque os postos de trabalho existentes no turismo, os quais se configuravam e se configuram em importante instrumento para obter melhores condições de vida, se transformaram em um dos principais mecanismos para se enfrentar as restrições vividas por numeroso percentual da população.

Foi nesse momento que ressurgem desigualdades entre negros e brancos. Os autores dos quais nos valem para referenciar nosso trabalho apontam que as desigualdades, após 1959, continuaram existindo, mas o que as diferencia daquelas dos anos anteriores, é o fato de estarem suplantadas pela ideologia que propaga a igualdade entre todos. Neste sentido, uma questão que é colocada por Esteban Morales Dominguez é a importância dada pela população negra para a identidade individual e nacional. Ao iniciar-se o governo revolucionário, a diversidade racial foi eliminada e todos, sem restrições, passaram a ser cubanos.

O debate em torno do tema racial é restrito aos âmbitos acadêmicos ou culturais. Pude perceber esse silenciamento durante a pesquisa de campo, em que o desconforto em falar sobre o tema esteve presente, em maior ou menor intensidade, nas falas dos entrevistados. No entanto, pude divisar a questão a partir de nuances, nem sempre percebidas por uma leitura superficial. Entre elas, destaco o processo de ascensão dos trabalhadores no setor turístico. Sobre esta questão, verifiquei que os trabalhadores negros estão, em sua maioria, fora da corrida por melhores cargos, posto que a sua inserção no setor turístico se dá ainda de maneira tímida, por não estarem, de acordo com ideais preconceituosos, aptos a assumirem postos

¹³ O entrevistado informou que, às vezes, usa-se o termo chicharrón. Atualmente, essa palavra é pouca usada.

¹⁴ “Se denomina período especial a fase de emergência econômica subsequente a ruptura dos vínculos com o CAME [Conselho de Ajuda Mútua Econômica]” (Cepal, 1997:10).

mais elevados. A eles ficam reservados, quase que invariavelmente, cargos e funções de menor destaque.

Neste sentido, nos valendo-me de Domínguez (2008), para afirmar que, quando triunfou a Revolução em 1959, apesar de todos serem considerados iguais, os pontos de partida históricos de negros e brancos não eram os mesmos e que, por isso, não poderiam ser considerados a partir de um mesmo patamar. Na Cuba atual, a raça não existe, mas a cor da pele sim, e ela é um fator que diferencia uns dos outros. Em suma, o problema racial cubano, antes de tudo, precisa ser encarado como um problema a ser debatido.

REFERÊNCIAS

BASSI, L.C. (2001). **Brasil e Cuba: uma análise comparativa dos instrumentos que influenciam a participação popular em segurança pública nas cidades de Havana e São Paulo na década de 1990.** São Paulo: USP. Dissertação (Mestrado).

CANO, W. (2000). **Soberania e política econômica na América Latina.** São Paulo: UNESP.

CEPAL. (1997). **La economía cubana: reformas estructurales y desempeño en los noventa.** México: Fondo de Cultura Económica.

DOMÍNGUEZ, E.M. (2002). Un modelo para el análisis de la problemática racial cubana contemporánea. *In: Catauro* (Revista cubana de antropología) n°6, ano 4. La Habana: Fundación Fernando Ortiz, pp. 52-93.

DOMÍNGUEZ, E.M. (2007). **Desafíos de la problemática racial en Cuba.** La Habana: Fundación Fernando Ortiz.

DOMÍNGUEZ, E.M. (2008). **Estadísticas y color de la piel.** Mimeo.

FUENTE, A de L. (1995). Raça e desigualdade em Cuba, 1899-1981. *In: Estudos Afro-Asiáticos* n°27. Rio de Janeiro: UCAM, pp. 7-43.

MALACHIAS, R. (1996). **Ação transcultural: a visibilidade da juventude negra nos bailes black de São Paulo (Brasil) e Havana (Cuba).** São Paulo: USP. Dissertação (Mestrado).

RUIZ, J.S. (2003). **Los efectos sociales de la crisis en Cuba.** La Habana: INIE.

SILVA, W.C. (2004). **Oportunidades e barreiras: o negro no contexto social brasileiro e cubano.** São Paulo: USP. Dissertação (Mestrado).

ZARUR, G. (2012). **Nação e multiculturalismo em Cuba**: uma comparação com os Estados Unidos e o Brasil. Disponível em <http://www.georgezarur.com.br/pagina.php/101> Acesso em [23/05/2012](#).